

Manifestação do Prof. Marco Antonio Zago, Presidente da FAPESP e Reitor da USP (2014-2018) na outorga do título de Professor Emérito a Hélio Lourenço de Oliveira, em 8/11/2024.

Minhas amigas e meus amigos,

A lembrança que domina amplamente a memória coletiva sobre Hélio Lourenço de Oliveira limita-se a um curto período de sua vida acadêmica, os meses em que ele exerceu a função de Reitor da Universidade de São Paulo. Mesmo assim, a atenção em geral é focada nas últimas semanas, quando a mão de chumbo da ditadura cassou seus direitos políticos e interrompeu seu mandato de vice-reitor.

Em 28 de abril de 1969, foram afastados compulsoriamente três docentes da USP: Florestan Fernandes, Jayme Tiomno e Vilanova Artigas. Inconformado com a violência contra a autonomia da universidade, o Reitor encaminhou manifestação ao Ministro da Educação. Em resposta, Hélio foi incluído, no dia seguinte, na lista de 23 cassados, juntamente com Fernando Henrique Cardoso, Caio Prado Júnior e Elza Berquó, entre outros.

O episódio mostrou que a autonomia universitária não é uma questão abstrata; ela é a mais relevante característica que distingue a universidade de outras instituições da sociedade. Nascida junto com a universidade ocidental nos primórdios do segundo milênio, a autonomia não é um privilégio, mas uma necessidade para que a universidade exerça sua função na sociedade.

Foi em virtude da defesa intransigente que Hélio fez da autonomia que o Conselho Universitário aprovou unanimemente minha proposta de colocar seu retrato na Reitoria, entre os quadros dos Reitores da USP, acompanhado de uma placa que registra homenagem do Conselho “pela condução da primeira reforma universitária e pela sua defesa de uma Universidade crítica e transformadora da sociedade.”

Nas palavras de Alberto Carvalho da Silva, autonomia não devia ser entendida como privilégio de manter-se voltada para seu interior, mas soberania nas decisões sobre ensino e pesquisa; a independência de cultivar ideias; o direito de definir os próprios critérios e normas de gestão; o compromisso de acompanhar os problemas e mudanças da sociedade; e a autoridade para desempenhar esse papel sem submissão a outras fontes de poder, embora sem ultrapassar o mandato institucional.

Necessário ressaltar, no entanto, que os meses que antecederam a 29 de abril foram igualmente relevantes para a história da USP. Naquela mesma tarde quando foi cassado, o Conselho Universitário completara a votação do novo Estatuto da USP.

A Reforma Universitária de 1969 foi a mais radical reestruturação da USP desde a sua criação. De fato, é correto dizer que a USP que conhecemos hoje foi forjada naqueles meses, apesar das duas grandes reformas posteriores, em 1989, no Reitorado de José Goldenberg, e a reforma de 2014-16, durante meu mandato como Reitor. Abolição da cátedra, organização dos departamentos e seus conselhos, a carreira aberta com

possibilidade de mais de um titular em cada departamento, o reordenamento das unidades, departamentos, e órgãos associados, a reestruturação do Conselho Universitário são alguns pontos proeminentes daquela reforma.

Defesa da autonomia universitária, e promoção da reforma e modernização da USP colocam Hélio Lourenço de Oliveira entre as grandes lideranças da história da USP, e fundamentam amplamente a homenagem que a Congregação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto lhe presta hoje. Sou imensamente grato à generosidade de meus colegas desta instituição pela oportunidade de manifestar-me nesta ocasião.

Vejo como uma oportunidade de expressar publicamente a gratidão de minha geração, que conviveu com ele e participou daquele momento histórico. É também uma oportunidade de saudar a memória de todos aqueles que trabalharam com ele, desde a sua vinda para Ribeirão Preto para aqui ajudar criar uma faculdade exemplar. E reverenciar a sua família, que fez de Ribeirão e da nossa faculdade o centro de sua vida.

Por razões especiais, por ser colega de classe de seu filho Ricardo Brandt de Oliveira, fui privilegiado com uma relação especial com essa família exemplar, sua esposa, Dona Carmita, e seus filhos. Tive oportunidade de testemunhar o efeito devastador do ukaze que interrompeu sua carreira acadêmica e o obrigou a exilar-se por alguns anos. Mas, ao mesmo tempo, pude observar a dignidade e serenidade com que recebeu a injusta intervenção e, ao mesmo tempo, a influência agregadora que exerceu sobre a sua família e sobre o departamento naquela adversidade.

Mas, a meu ver, a mais importante herança de Hélio Lourenço foi a criação do Departamento de Clínica Médica, como já ressaltou seu chefe atual, o Professor Pazin, e seu exemplo como professor de medicina. Primeira Faculdade de Medicina do interior do Brasil, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto passou longe de ser uma escola provinciana. E Hélio Lourenço liderou a criação de um novo modelo de departamento clínico, em que o ensino é fundamentado na lógica da ciência, na experimentação e nas evidências.

Mas também onde a prática da docência se associa intimamente à investigação clínica e experimental, onde o docente é também pesquisador; não foi por acaso que esse foi o primeiro departamento clínico no país em que a prática da dedicação integral à docência e à pesquisa abrangia a todos os seus membros.

O modelo de curso que ele criou e supervisionava com dedicação e criatividade, participando diretamente de sua execução, formou e ainda forma gerações de jovens médicos que praticam medicina inspirados e guiados pela ciência, não por protocolos, algoritmos ou sumários de vade-mécums.

Eu e meus colegas da 14ª turma sabemos bem do que estou falando: um ensino de medicina que nunca estava distante da prática e do rigor técnico, da comunicação centrada no paciente, da ciência básica aplicada a cada caso, do entendimento do mecanismo da doença, e das discussões inspiradas e provocadoras. Aqueles que, como eu, tiveram o ensejo de tê-lo como professor, entendem porque a sua profunda marca se faz sentir ainda hoje na FMRP e também em numerosas outras instituições onde seus

discípulos, e os discípulos de seus discípulos, criaram um novo modelo de docência clínica.

Encerro aqui, mas não sem antes alertar que seria um erro ignorar que o episódio de 29 de abril de 1969 e aqueles que se sucederam não se deveram exclusivamente à defesa de uma posição ideológica de força contra a universidade. Não foi apenas isso!

Por trás dos reais motivos das perseguições, acusações e cassações, estavam principalmente as divergências acadêmicas, o confronto entre o apego conservador, de um lado, e a renovação da ciência e da carreira acadêmica, de outro. De fato, mais um capítulo da eterna luta entre os que buscam o progresso e a mudança, e aqueles que desejam que nada mude, eternamente. Além de rancores pessoais, inveja e ambição. Nas palavras de Erney Plessman de Camargo, como ele compulsoriamente afastado naquele período: “Foi uma perda de tempo para o país. Um período de obscurantismo.”

Períodos de crises e de tensão social revelam os melhores e os piores aspectos do ser humano. Cientistas e intelectuais foram perseguidos por suas ideias em defesa da democracia, mas também porque favoreciam mudanças e atitudes progressistas em relação à sociedade e à própria universidade. Forças conservadoras, que viviam do conhecimento estabelecido e da erudição, se opunham ao fortalecimento da ciência e da descoberta do conhecimento, e procuraram se aliar ou se aproveitar de uma aproximação com o estamento militar. Conflito que tende a se repetir periodicamente em diversas sociedades, e que revivemos hoje; não podemos nos iludir e pensar que o passado está sepultado!

O próprio homenageado destaca no depoimento que enviou a essa egrégia Congregação, naquele momento: “A visão que o posto me permitiu foi alentadora, a de uma grande universidade pelos homens de que dispõe e pelo espírito público que os move. Conheci também melancólicas exceções. Espero que estas, agitadas pelo afanoso carreirismo, não venham a multiplicar sua presença nos círculos centrais da universidade.”

Como ele, e apesar de tudo, sou também otimista quanto ao futuro de nosso país e da nossa universidade; sou otimista não porque seja ingênuo, mas porque confio na determinação e coragem de nosso povo, e nos homens e mulheres de nossa universidade.

Encerro, pois, mais uma vez, com o poema de Emílio Moura, que lhe enviou no exílio Antônio Cândido “pensando na solidão de um homem superior longe de sua terra”, poema escrito quando se questionava se a poesia estava fadada a desaparecer:

*Quando a luz desaparecer de todo,
mergulharei em mim mesmo e te procurarei, lá dentro.
A beleza é eterna.
A poesia é eterna.
Elas subsistem, apesar de tudo.*

*Aproxima-te e escuta: há uma voz na noite!
Olha: é uma luz na noite!*

Muito obrigado.